

Franz Kafka

O Processo

BIBLIOTECA VISÃO

Título:
O Processo

Título original:
Der Prozess

Autor:
Franz Kafka

Tradução:
Gervásio Álvaro

ÍNDICE

Capítulo I - Prisão. Conversa com a senhora Grubach; depois com a menina Bürstner	4
Capítulo II - Primeiro interrogatório	25
Capítulo III - Na sala de reunião vazia. O estudante. As repartições	37
Capítulo IV - A amiga da menina Bürstner	55
Capítulo V - O verdugo	61
Capítulo VI - O tio - Leni	66
Capítulo VII - Advogado. Industrial. Pintor	82
Capítulo VIII - O comerciante Block. K. Dispensa os serviços do advogado	118
Capítulo IX - Na catedral	142
Capítulo X - Fim	159
Apêndice	163
I - Os capítulos incompletos	
Para o episódio "Elsa"	164
Visita de K. a casa da mãe	165
O procurador	167
A casa	171
Luta com o director-interino	174
Um fragmento	178
II - As passagens riscadas pelo autor	179
Posfácio da primeira edição	184
Posfácio da segunda edição	189
Posfácio da terceira edição	190

Capítulo I

Prisão. Conversa com a senhora Grubach; depois com a menina Bürstner

Alguém devia ter caluniado Josef K., visto que uma manhã o prenderam, embora ele não tivesse feito qualquer mal. A cozinheira da Sua Senhoria, a senhora Grubach, que todos os dias, pelas 8 horas da manhã, lhe trazia o pequeno-almoço, desta vez não apareceu. Tal coisa jamais acontecera. K. ainda se deixou ficar um instante à espera; entretanto, deitado, com a cabeça reclinada na almofada, observou a velha do prédio em frente que, por sua vez, o contemplava com uma curiosidade fora do vulgar; depois, porém, ao mesmo tempo intrigado e cheio de fome, tocou a campainha. Neste momento bateram à porta, e um homem, que K. jamais vira na casa da senhora Grubach, entrou no quarto.

Esbelto, embora de aspecto robusto, o recém-chegado envergava um fato escuro e justo, cheio de rugas e provido de um cinto, diversos botões, bolsos e fivelas. Ainda que não se visse bem qual a finalidade de tudo aquilo, o vestuário do homem parecia singularmente prático.

— Quem é o senhor? — perguntou K., soerguendo-se imediatamente Na cama. O homem, porém, ignorou a pergunta, como se estivesse habituado a não ter de justificar a sua presença, e perguntou por sua vez:

— O senhor tocou?

— Sim, para a Ana me trazer o pequeno-almoço — respondeu K., tentando em silêncio, num esforço de atenção, deduzir quem poderia ser aquele cavalheiro. Este, porém, não consentindo em se deixar observar demoradamente, voltou-se para a porta e abriu-a um pouco, para dizer a alguém que devia estar mesmo por detrás dela:

— Ele quer que Ana lhe traga o pequeno-almoço! No quarto ao lado houve um pequeno riso que, a julgar pelo som, parecia ter sido compartilhado por várias pessoas.

Embora o estranho não pudesse ter depreendido do riso nada de que já não estivesse a par, disse a K. em tom de informação:

— É impossível.

— Era a primeira vez que tal sucedia — respondeu K., saltando da cama e enfiando rapidamente as calças. — Sempre quero ver que espécie de gente está aí no quarto ao lado e que contas a senhora Grubach me dará do incómodo que me estão a causar.

Ao mesmo tempo, veio-lhe à ideia que não devia ter falado tão alto, pois, assim, como que reconhecia ao estranho o direito de inspecção, mas na altura não ligou importância a esse facto. No entanto, o estranho interpretou aquela atitude

precisamente da mesma maneira, visto que lhe disse:

— Não quer ficar antes aqui?

— Não quero nem ficar aqui, nem que me dirija a palavra enquanto o senhor não me disser quem é.

— Disse-lhe aquilo com boa intenção — retorquiu o estranho, abrindo a porta de moto próprio.

O quarto contíguo, onde K. entrou mais lentamente do que desejava, tinha, à primeira vista, praticamente o mesmo aspecto que na noite anterior. Era a sala de estar da senhora Grubach; hoje, parecia talvez haver nesta sala atulhada de móveis, coberturas, porcelanas e fotografias, mais espaço do que era habitual, embora não fosse possível chegar-se rapidamente a uma conclusão a esse respeito, pois que a principal alteração consistia na presença de um homem que, sentado, junto à janela aberta, se entretinha a ler um livro, do qual levantou a vista ao dar pela entrada de K.

— Devia ter permanecido no seu quarto! Franz não lho disse?

— Disse, mas que deseja o senhor? — voltou K., desviando o olhar do seu interlocutor, para observar aquele a quem acabara de ouvir chamar Franz e que se encontrava junto à porta, e voltando novamente a sua atenção para o primeiro.

Pela janela aberta via-se de novo a velha que, cheia de uma curiosidade verdadeiramente senil, se havia agora colocado numa janela que dava para o quarto onde K. se encontrava, a fim de continuar a observar tudo.

— Quero que a senhora Grubach... — prosseguiu K., ao mesmo tempo que fazia um movimento como se pretendesse livrar-se dos dois homens, que no entanto estavam bem longe dele, e continuar o seu caminho.

— Não — atalhou o homem que estava perto da janela, levantando-se e atirando o livro para cima da mesinha.

— Não pode sair; o senhor está preso.

— Assim parece — disse K. — E por que razão?

— Não é da nossa incumbência darmos-lhe explicações. Volte para o seu quarto e aguarde. O processo já está a correr, o senhor será informado de tudo na devida altura. já estou a exceder os limites da minha missão ao falar-lhe assim tão amavelmente; no entanto, espero que pessoa alguma, além de Franz, me ouça; Franz, aliás, contra todos os regulamentos, trata-o com verdadeira amizade. Se daqui para o futuro, o senhor tiver tanta sorte como a que teve com os seus guardas, poderá acalentar esperanças.

K. quis sentar-se, mas reparou, nessa altura, que em todo o quarto não havia nada que pudesse satisfazer o seu desejo, à excepção do sofá perto da janela.

— Ainda há-de compreender como tudo isto é verdade — disse Franz, que, juntamente com o outro homem, se aproximava de K. Especialmente perante aquele último que repetidas vezes lhe batia nos ombros, K. experimentava um sentimento de inferioridade. Ambos examinaram a camisa de dormir de K. e declararam que ele agora teria de usar uma camisa bastante pior, mas que guardariam aquela, assim como a restante roupa, e lha restituíam se o seu caso

viesse a ter um desfecho feliz.

— É preferível que o senhor nos entregue as suas coisas a pô-las no depósito — disseram — pois lá as coisas levam muitas vezes descaminho e, além disso, passado um certo tempo, vendem-nas, sem quererem saber se o processo referente ao dono delas terminou ou não. E como duram os processos deste género, especialmente há uns tempos para cá! E certo que o depósito acabava por lhe entregar o dinheiro que a venda das suas coisas tivesse rendido, mas já de si o rendimento é Insignificante, e depois o que interessa não é a maior oferta mas a maquia com que untam as mãos de quem vende; de mais a mais, as coisas vão-se desvalorizando à medida que, de ano para ano, passam de mão em mão.

K. não ligava a esta conversa, pois, mais importante do que o direito de dispor daquilo que lhe pertencia, era, para ele, a noção clara da sua situação. A presença daqueles homens impedia-o de reflectir. A barriga do segundo guarda — não podiam ser outra coisa senão guardas — encostava-se continuamente a K. num jeito de amizade formal; porém, quando K. levantava os olhos, deparava-se-lhe um rosto que não condizia em nada com o volumoso corpo do homem, pois era seco e ossudo, e nele havia um nariz forte e torcido para o lado; K. reparou também que entre os dois homens se trocavam sinais de entendimento a seu respeito. Que espécie de gente era aquela? De que falavam? A que repartição do Estado pertenciam? K. vivia num Estado que assentava no Direito. A paz reinava por todo o lado! Todas as leis estavam em vigor; quem eram, pois, os intrusos que ousavam cair-lhe em cima no seu próprio domicílio? Estava sempre disposto a encarar com a maior ligeireza possível tudo o que lhe acontecia, a só acreditar no pior quando este realmente se manifestava, e a não acautelar o futuro ainda que de todo o lado surgissem ameaças. No entanto, o que se estava agora a passar não lhe parecia correcto, embora, na verdade, pudesse ser tomado por uma partida de mau gosto que, por motivos desconhecidos, talvez por ele fazer 30 anos nesse dia, os colegas do banco tivessem preparado. Possivelmente bastaria que ele achasse forma de se rir na cara dos guardas para que estes correspondessem ao seu riso, Quem sabe se eles não eram simplesmente os moços de fretes da esquina? Realmente eram parecidos. Todavia agora estava decidido, já o estava desde que Franz o olhara pela primeira vez, a não deixar escapar a mínima vantagem que, porventura, tivesse sobre aquela gente. Naquilo que mais tarde haviam de dizer que ele se melindrara facilmente, não via K. senão um perigo diminuto. Embora não tivesse o hábito de aproveitar a experiência passada, recordava-se bem de alguns casos, em si pouco importantes, nos quais ele, em vez de proceder com consciência como os amigos, se havia portado estouvadamente sem atender às possíveis consequências que, depois, tinham constituído a punição da sua imprudência. Isso não devia voltar a acontecer; pelo menos desta vez. Se se tratasse duma comédia, ele queria ser comparsa.

Por enquanto ainda era livre.

— Com licença — disse K., passando rapidamente entre os guardas a fim

de se dirigir ao seu quarto. “Parece ser um tipo razoável”, ouviu dizer nas suas costas. No quarto, escancarou as gavetas da secretária, onde reinava uma ordem impecável, mas, excitado como estava, não conseguiu dar logo com os

documentos de identificação que eram precisamente o objectivo da sua busca. Por fim, encontrou os documentos da bicicleta e Ia a levá-los aos guardas quando, ao parecer-lhe que o papel pouca importância teria, decidiu prosseguir a busca até que achou a certidão de idade. Ia de novo a entrar no quarto ao lado, quando a porta em frente se abriu para dar passagem à senhora Grubach, que se dirigia ao mesmo quarto que ele. Aquela, porém, mal foi vista, pois logo que reparou em K. ficou visivelmente perturbada, pediu desculpa e desapareceu, fechando a porta com todo o cuidado. “Faça o favor de entrar”, K. ainda podia ter dito. Porém, deixou -se ficar no meio do quarto, com os papeis na mão, a olhar para a porta, que não se voltou a abrir, até que um berro dos guardas o sobressaltou. Aqueles estavam sentados à pequena mesa colocada junto da janela aberta e, notou K., comiam o seu pequeno-almoço.

— Porque não entrou ela? — perguntou.

— Porque não pode — respondeu o corpulento guarda —, é que o senhor está preso.

— Preso! Como é que pode ser isso? E desta maneira?

— Lá está o senhor outra vez —, replicou o guarda, enquanto metia o pão com manteiga num potezinho de mel — nós não respondemos a perguntas dessas.

— Mas terão de responder — retorquiu K. — Aqui estão os meus documentos de identificação; mostrem-me agora os vossos; o mandado de captura antes de mais nada.

— Santo Deus! Não querem lá ver que o senhor, na situação em que está, não aceita o que lhe dizemos e até parece fazê-lo de propósito só para nos irritar escusadamente, a nós, que somos quem mais o estima!

— É assim mesmo, acredite — corroborou Franz, que, em vez de levar à boca a chávena de café que segurava na mão, se pôs a olhar para K. demoradamente e duma maneira talvez significativa mas, na verdade, K., sem querer, viu-se envolvido num diálogo mudo com Franz, mas depois, batendo com os dedos nos papéis, disse:

— Aqui estão os meus documentos de identificação.

— Que nos importa isso, a nós? — exclamou o mais corpulento dos guardas. — O senhor está a portar-se pior do que uma criança. Que é que o senhor quer? Julga que pode terminar rapidamente com o seu enorme processo, o seu maldito processo, só por se pôr a discutir connosco, que não passamos de guardas, questões de documentos de identificação e de mandados de captura? Nós somos apenas funcionários subalternos, que pouco ou nada percebem de documentos de identificação e que, neste caso, não têm outra missão a não ser a de vigiá-lo dez horas por dia. É para isso que nos pagam. No entanto, ainda somos capazes de compreender que as altas autoridades, ao serviço das quais

estamos, antes de darem uma ordem de prisão, tiram minuciosas informações acerca da pessoa a ser detida e dos motivos da detenção.. Assim, não há possibilidades de engano. As nossas autoridades, até onde eu conheço, e os meus conhecimentos não vão além das categorias mais baixas, não são daquelas que andam atrás das culpas das pessoas, mas, como diz a Lei, são forçadas pelos delitos a enviarem-nos a nós, os guardas. É assim a Lei. Como poderá haver enganos?

— Não conheço essa Lei — replicou K.

— Tanto pior para si.

— Isso é bem capaz de não passar de imaginação vossa — retorquiu K. tentando insinuar-se, fosse como fosse, no espírito dos guardas a fim de os conquistar para o seu lado ou adquirir ascendente sobre eles, O guarda, porém, limitou-se a responder friamente:

— O senhor convencer-se-á por experiência própria. Franz meteu-se na conversa e disse: — Estás a ver, Willem? Ele admite que não conhece a Lei e ao mesmo tempo afirma que está inocente.

— Tens toda a razão, mas não se lhe pode fazer compreender nada.

K. não fez qualquer comentário, mas pensou: “Vou deixar que o palavrório destes funcionários sem categoria — são eles próprios que assim se classificam — me traga ainda mais confusão ao espírito? A segurança com que falam de coisas de que não percebem absolutamente nada é apenas possível devido à sua estupidez. As poucas palavras que eu trocar com uma pessoa da minha igualha tornarão tudo incomparável— mente mais claro do que a maior conversa que tiver, com estes.” Deu alguns passos para um lado e para o outro dentro do espaço livre do quarto e reparou então na velha, que estava agora abraçada a um indivíduo ainda muito mais velho, que ela arrastara para a janela. K. tinha de pôr termo a este espectáculo.

— Leve-me ao seu superior — disse.

— Quando ele estiver disposto a isso; antes não — replicou o guarda a quem chamavam Willem.

— Agora aconselho-o — prosseguiu — a voltar para o seu quarto e a aguardar lá, quieto, a decisão que tomarem a seu respeito. Aconselhamos-lhe, igualmente, a não dar livre curso a pensamentos inúteis mas, pelo contrário, a meditar profundamente, pois irão exigir-lhe muita coisa. O senhor não nos tratou de forma a corresponder à nossa amabilidade; esqueceu-se que nós, sejamos lá o que formos, temos sobre si uma vantagem que não é nada pequena: somos livres. Apesar disso, estamos dispostos, caso o senhor tenha dinheiro, a ir ali ao café buscar-lhe o pequeno-almoço.

K. ignorou o oferecimento e deixou-se ficar imóvel durante um instante. Talvez eles não se atrevessem a impedi-lo de abrir a porta do quarto seguinte ou até mesmo a porta da antessala; talvez fosse essa a solução mais simples para um assunto ao qual ele estava a dar demasiada importância. Mas quem sabe se não o agarrariam e, uma vez dominado, ele veria escapar-se a superioridade que, por

enquanto, em certo sentido, possuía em relação a eles. Por esse motivo, optou pela segurança que o decorrer natural dos acontecimentos não podia deixar de lhe dar e regressou ao quarto, sem que entre ele e os guardas fosse trocada mais alguma palavra.

Lançou-se para cima da cama e tirou do lavatório uma bela maçã que, na noite anterior, havia guardado para o pequeno-almoço. Agora, apenas comeria a maçã, que, apesar de tudo, valia muito mais, concluiu ao dar a primeira grande dentada, do que o pequeno-almoço que os benevolentes guardas teriam ido buscar ao imundo café. Sentiu-se bem-disposto e confiante. Sem dúvida que não iria de manhã ao banco mas, no lugar relativamente importante que ocupava, faltas dessas eram facilmente desculpáveis. Devia apresentar a verdadeira justificação da sua ausência? Pensou em fazê-lo. Se não o acreditassem, o que era compreensível num caso como este, poderia utilizar a senhora Grubach como testemunha, ou ainda os dois velhos que se encontravam agora a caminho da janela em frente da de K. Pondo-se no lugar dos guardas, K. estranhou que aqueles não tivessem discorrido que ele, deixado sozinho no quarto, teria imensas possibilidades de se suicidar. Ao mesmo tempo, porém, não pôde deixar de se interrogar sobre os motivos que poderia ter para proceder desta maneira. Só porque os dois estavam sentados no quarto ao lado e se tinham apossado do seu pequeno-almoço? Mesmo que tivesse querido suicidar-se, o absurdo de tal procedimento era suficiente para impedi-lo de o fazer.

Se os guardas não se tivessem comportado duma maneira tão manifestamente obtusa, poder-se-ia supor que também eles, por um raciocínio análogo ao de K., teriam chegado à conclusão de que não havia perigo em o deixar sozinho. Se quisessem até podiam vê-lo agora dirigir-se a um armário de parede, no qual guardava uma garrafa de boa aguardente, beber um copito em substituição do pequeno-almoço e esvaziar um outro, destinado unicamente por prudência a dar-lhe ânimo se, hipótese improvável, dele viesse a ter necessidade.

Então um berro vindo do quarto ao lado assustou-o a tal ponto que bateu com os dentes no copo.

— O inspector chama-o! K. apenas se assustou com o berro. De facto não julgava Franz capaz de soltar um berro tão rápido, incisivo e militar. A ordem em si, no entanto, era bem recebida.

— Até que enfim! — exclamou. Depois, fechou o armário e dirigiu-se para o quarto ao lado, Ali deu com os dois guardas que, com toda a naturalidade, o empurraram de novo para o seu quarto.

— Que ideia é essa? — exclamaram. — Quer apresentar-se em camisa perante o inspector? Ele mandava dar-lhe uma sova e nós também não escapávamos!

— Larguem-me, com mil diabos! — gritou K. para os guardas que o haviam forçado a recuar até ao guarda-fatos. Quem vem surpreender-me à cama não pode esperar encontrar-me de fato de cerimónia.

— Não adianta protestar — responderam os guardas, os quais, sempre que

K. gritava, ficavam muito calmos, mesmo quase tristes, conseguindo por esse meio desconcertá-lo ou de certo modo causar-lhe hesitações.

— Que cerimónias ridículas — murmurou ainda, mas tirando um casaco de cima da cadeira conservou-o rias mãos durante um momento como se o submetesse à apreciação dos guardas. Estes abanaram a cabeça.

— Têm de ser preto — disseram. K. arremessou o casaco para o chão e exclamou, sem ele próprio saber qual o sentido das suas palavras:

— Ainda não é a audiência principal. Os guardas sorriram mas mantiveram-se na sua.

— Tem de ser um casaco preto.

— Se é isso que faz andar as coisas mais depressa, tenho realmente conveniência em vesti-lo — disse K., enquanto abria o guarda-fatos para, depois de procurar entre vários, escolher o melhor: um jaquetão preto que, de tão cintado, já quase havia causado sensação entre os conhecidos do seu possuidor. Depois, tirou também outra camisa e começou a vestir-se com todo o cuidado. No íntimo estava convencido de ter conseguido com o seu procedimento apressar o desfecho do caso, visto que os guardas tinham-se esquecido de o obrigar a tomar banho. Olhava-os, sempre à espera de que eles se fossem lembrar disso, mas, no entanto, a nenhum ocorreu semelhante ideia. Por outro lado, Willem não se esqueceu de mandar Franz dizer ao inspector que K. se estava a vestir.

Logo que se acabou de vestir, K., seguido de perto por Willem, viu-se forçado a passar pelo quarto contíguo, agora vazio, a fim de entrar no quarto seguinte, cuja porta já estava amplamente aberta. K. sabia muito bem que neste quarto vivia, não há muito tempo, uma tal menina Bürstner, dactilógrafa de profissão. Esta, que saía de manhã cedo para o trabalho e regressava tarde a casa, nunca dirigira a K. outras palavras além de bom dia ou boa tarde. A mesinha-de-cabeceira da menina Bürstner tinha sido agora afastada da cama e colocada no meio do quarto a fim de servir de mesa de audiência. Por detrás dela, sentado, as pernas traçadas e um braço apoiado nas costas da cadeira, encontrava-se o inspector.

Num canto do quarto três jovens examinavam as fotografias da menina Bürstner, que se encontravam colocadas sobre uma esteira dependurada na parede. No puxador da janela aberta encontrava-se suspensa uma blusa branca. Na janela fronteira estavam de novo os dois velhos. Agora, porém, acompanhava-os um homem corpulento, esgargalado, que, por detrás deles, confiava a barbicha arruivada.

Josef K.? — perguntou o inspector, possivelmente só com a intenção de desviar para a sua pessoa o olhar distraído de K. Este, com. um aceno de cabeça, confirmou.

— O senhor ficou muito surpreendido com o que se passou esta manhã, não é verdade? — perguntou o inspector enquanto mexia com ambas as mãos numa série de objectos (uma vela, fósforos, um livro e uma alfineteira) colocados sobre a mesa, como se tivesse necessidade deles para a audiência.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

